

O QUE É A PESHITA?

Por Igor Miguel

Há uma teoria entre alguns estudantes de Bíblia, que se chama “*Primazia Aramaica*”, que afirma a superioridade de versões aramaicas do Novo Testamento sobre as versões gregas existentes.

Esta teoria surgiu de uma visão parcial de alguns cristãos, cristão-ortodoxos, simpatizantes do movimento judaico-messiânico, interessados pela restauração das raízes judaicas e outros que estão re-descobrimdo as raízes judaicas do cristianismo. Estes no contato com a judaicidade do Novo Testamento se incomodam com a possibilidade das versões reconhecidas estarem em língua grega. Para suprimir esta angústia, afirmam que todos os textos do N.T. foram escritos inicialmente em língua aramaica, baseando-se assim nesta teoria, tentam construir a judaicidade do texto ou explicar problemas textuais.

Para fundamentar este ensinamento eles se baseiam em uma versão do N.T. chamada de “Peshitta” que estarei explicando a seguir, fechando depois com uma conclusão sobre os originais do N.T. Faze-se necessário um ajuste teológico, para não construirmos nossa teologia sobre fundamento incerto.

O Diatesaron

No II século de nossa era, houve um apologista cristão chamado Taciano, nascido na Assíria, educado na Grécia e que mais tarde viveu em Roma, ele escreveu uma “*harmonia dos evangelhos*” que foi chamada de *Diatesaron*. Muitos estudiosos do cristianismo pós-apostólico, tentaram harmonizar as várias versões da vida e ministério de Yeshua em um texto único. Dentre eles encontramos Taciano. Que escreveu sua harmonia - *Diatesaron* - em 164 d.C. O termo significa literalmente “através dos quatro”, fazendo referência aos 4 evangelhos. Em uma narrativa simples, a obra era uma tentativa de concentrar os quatro evangelhos em apenas um texto, porém, estudiosos mencionam a possibilidade do autor ter feito uso de outras tradições evangélicas além dos quatro. Taciano foi seguidor de Justino Mártir e no fim de sua vida foi considerado herege pelas igrejas de fala siríaca, por ter se convertido ao gnosticismo. Após o martírio de Justino, ele rompeu com a Igreja Romana e retornou para a Síria em 172 d.C., e fundou a seita dos *Encratitas* (os auto-disciplinados), esta possuía práticas obscuras, como a substituição de água no lugar do vinho na ceia.

Não se tem nenhuma cópia do Diatesaron, salvo a suspeita de que o manuscrito 0212 que está *Yale University* (EUA) seja um fragmento dele, porém uma menção clara de sua existência está registrada nos escritos de Ephraem o Sírio, que mencionará a obra em 378 d.C.

O Antigo Siríaco

Devida a apostasia de Taciano e o desejo das igrejas siríacas terem versões separadas dos evangelhos, tais como as igrejas ocidentais. Teodoro bispo de Cyrhus no Eufrates, em 423 d.C., coletou 200 cópias diferentes do Diatesaron, selecionando e separando as narrativas e introduzindo no lugar delas os 4 evangelhos.

Teodoro, junto com um grupo de sacerdotes, trabalhou para a organização de uma versão da Bíblia em língua siríaca denominada de *Antigo Siríaco*. O texto do A.T. desta versão se baseia principalmente nos Targuns¹ (Targunim) judaicos, já os evangelhos são claramente traduções de fontes gregas, provavelmente dos manuscritos Codex Alexandrinus e Bizantinus (Bizae).

O que temos de destacar, como já vimos, é que esta versão só surge após século V, pois o mesmo foi composto pelas Igrejas de fala siríaca, em resposta ao Diatesaron de Taciano. Esta informação é importante, porque como veremos mais adiante, o Peshita será uma reformulação do Antigo Siríaco.

Vale mencionar que existem duas versões o *Syra Sinaiticus* e o *Syra Curetonianus*.

O Peshita

A palavra “Peshita” vem do siríaco *p’shitá* que significa “simples” ou “comum”, em hebraico temos uma expressão similar – *P’shát* – que tem o mesmo sentido. Este foi o nome dado a uma versão da Bíblia em língua *aramaica-siríaca*, com uma escrita de origem mesopotâmica mais próxima do árabe do que do hebraico quadrático.

O Peshita é um tipo de “re-trabalho” do *Antigo Siríaco* (já citado), produzido por Rabbula, bispo de Edessa em 435 d.C., a obra possui todos os livros da Bíblia, exceto II Pedro, II João, III João, Judas e Apocalipse.

¹ Targum: literalmente ‘tradução’, eram traduções que judeus faziam do A.T. para a língua aramaica. Ex: Targum Jônatas, Targum Onkelos, etc.

No século XIX muitos estudiosos datavam a versão do II século, porém, no século passado, esta visão foi largamente abandonada pelos estudiosos por uma questão óbvia, Ephraem em 378 d.C. menciona o *Diatessaron*², mas se quer faz menção ao Peshita, o que prova claramente, que esta versão só passou existir pelo em aproximadamente a partir do início do século V d.C.

Quase todos os estudiosos siríacos concordam que os evangelhos contidos nesta versão são traduções dos originais gregos. Uma minoria é que insiste que ela preserva a versão inicial do Novo Testamento e o que o texto grego é apenas uma tradução secundária dele.

Aramaico língua de Jesus?

Uma teoria antiga que vem persistindo na tradição cristã é a idéia de que Jesus, como todos os judeus do I século, só falava a língua aramaica, porém sabe-se que isto não tem fundamento histórico, principalmente diante de achados arqueológicos recentes.

Se recorrermos somente aos evangelhos, veremos que o quê ocorria era uma mistura de hebraico e aramaico. Quando Yeshua disse para uma menina morta: “Talita Kumi” [טַלִּיתָא קוּמִי] (Mc 5:41) sabe-se que ele usou um hibridismo típico do I século, a palavra *Talita* é aramaica, significa “menina” e *Kumi* um verbo comumente conhecido no hebraico, o imperativo “levanta-te”. Temos provas extrabíblicas também, os manuscritos de Qunram, por exemplo, demonstram cada vez mais a existência destas mesclagens lingüísticas no I século.

Vale mencionar um achado do I século, que foi encontrado pelo sr. Amós Kloner, quando em trabalho de escavações arqueológicas para o Departamento de Antiguidades e Museus de Israel, entre novembro de 1971 a maio de 1972. Quando ele escavava uma gruta de sepultamento em Jerusalém na Rua Midbar Sinai 53, ele descobriu um ossuário, uma caixa de restos mortais. Amplia David Flusser:

“A descoberta mais digna de nota é o ossuário M, encontrado no nicho n.6. Leva uma inscrição que foi decifrada por A. Kloner como שלבי דוד. O idioma da inscrição é o hebraico, com um elemento de aramaico, mescla lingüística não incomum no período. O componente aramaico é a palavra bei,

² Como já vimos o Diatesseron antecedeu o Antigo Siríaco

que significa “casa” (em hebraico, “bait”). Por conseguinte, o significado da inscrição é que os ossos no ossuário ‘pertencem à casa de דוד [David]’ (FLUSSER 2002:147).

Queremos refutar com este achado, a idéia de que Jesus falava somente aramaico (conforme foi reproduzido em filme recente)³ e que todos os judeus de sua época o também faziam.

Neste ponto a teoria da *Primazia Aramaica*, começa a perder força, pois muitos de seus teóricos afirmam que Jesus falava somente aramaico, o que é um erro conforme as evidências, daí também a falibilidade do texto PESHITA como texto “original” ou como tendo primazia crítica.

O argumento da “Polissemia” (split words).

Um argumento comumente usado pelos teóricos da “*Primazia Aramaica*” para sustentar que o Peshita é um texto primário nas interpretações e análises críticas do N.T. é a teoria da “Polissemia”, dizem que quando alguém consulta versões diferentes do N.T. e encontra duas traduções distintas, o problema se explicaria com o uso do aramaico, pois muitas palavras semitas são “polissêmicas”, possuem duplo sentido. Porém, pessoalmente, venho encontrando várias falhas na teoria da polissemia.

Uma delas é a mencionada por Christopher Lancaster no livro texto: *Was the New Testament Really Written in Greek?*⁴ (O Novo Testamento Realmente Foi Escrito em Grego?).

Por exemplo, ele constrói uma crítica em cima de I Coríntios 13:3 que diz: “... *ainda que entregasse meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria*”. Algumas versões trazem o texto como: “... *corpo para que eu tenha de que me gloriar*”. O autor tenta demonstrar que a diferença entre “gloriar” e “queimar” se explica pela expressão “aramaica” (Yakad) יקד (aqui ele usa caracteres siríacos), afirmando que a palavra significa duplamente *gloriar* e *queimar*, daí a diferença de traduções.

Percebo dois erros aqui, DAKAR não é uma palavra puramente aramaica, ela remonta primariamente o hebraico, o aramaico apenas reproduz a expressão; e segundo DAKAR nunca é traduzido com o sentido de “gloriar”. Todos os dicionários de aramaico traduzem a expressão unicamente com sentido de “QUEIMAR” e

³ The Passion of the Christ de Mel Gibson .

⁴ Texto disponível em formato PDF no site: <http://www.aramaicPeshita.comm>

suas variantes e no hebraico idem. A diferença se explica pelas diferentes versões do texto, que ocorre em alguns manuscritos gregos e em outros não, é uma questão de crítica textual.

Casos como este tenho encontrado com muita freqüência nos argumentos de *polissemia*. Por exemplo quando dizem que “Chai” significa tanto “vida” quanto “salvação”, “GABAR” significa “homem” como “marido” ou “pai”, estas definições alternativas nunca são encontradas nos melhores dicionários de hebraico/aramaico. Daí minha desconfiança do crédito crítico destes argumentos.

Porém é inegável que muitos casos de disparidade de traduções do N.T. podem ser explicados por polissemia. Mas, este argumento, não pode ser aplicado para provar que o PESHITA é um suposto texto do I ou II séculos. Este método deve se basear no argumento de que os autores do Novo Testamento pensavam “hebraicamente”, o que conseqüentemente poderia produzir traduções duplas. Existem casos de “polissemia especulativa” no texto de Mateus, pois como argumento adiante, é o único texto do N.T. que podemos argumentar historicamente a possibilidade de um original hebraico. Entendo por *polissemia especulativa* os casos em que o duplo significado é detectado sem uma fonte textual primária, especula-se a palavra e dela constrói-se as possibilidades de tradução.

Em que língua foi escrito o Novo Testamento?

Segundo Eusébio: *“Entre eles alguns tem colocado o ‘Evangelho dos Hebreus’, que é o especial deleite dos hebreus que aceitaram a Cristo” (História Eclesiástica III.25.5)*. Este evangelho dos hebreus, versão indisponível na atualidade, é a única versão que podemos afirmar categoricamente que foi escrita em “hebraico”, possivelmente seja uma versão antiga do evangelho de Mateus. Epifânio menciona precisamente que *“Eles tem o evangelho segundo Mateus escrito completamente em Hebraico, por isto este evangelho é certamente preservado entre eles como foi escrito, ainda em letras hebraicas” (Heresias XXIX.9.4)*.

Pode-se afirmar que o evangelho de Mateus possivelmente fora escrito em hebraico ou que o atual evangelho de Mateus foi baseado em uma versão anterior nesta língua. Porém, não se têm evidências históricas ou arqueológicas bem fundamentadas, para se afirmar que todos os livros do N.T. ou a maioria deles foram escritos em língua hebraica, o que é um absurdo! Fato é que o evangelho precisava ser compreensivo aos crentes de fala grega e que a maioria dos escritos do Novo Testamento tratam majoritariamente de problemas com comunidades de não-judeus. Sem dúvida escritos destes textos somente em língua hebraica

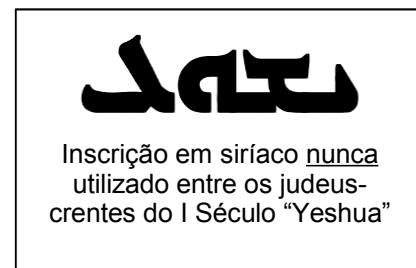
dificultariam a expansão destes ensinamentos. Para os judeus crentes a fé em Yeshua era lógica, era uma promessa dos profetas, porém, para os gregos a necessidade de uma exposição clara sobre o evangelho era urgente.

Acredito, que todas as narrativas evangélicas, foram reproduções ampliadas desta versão primária em língua hebraica, o chamado evangelho dos hebreus. Talvez, o recurso de polissemia seria aplicável perfeitamente nestes textos. Porém, seria um trabalho especulativo – como já mencionei anteriormente - e sem suporte de um original “hebraico”, pois até o momento não temos nenhuma versão que remonte o I século.

Não acredito baseado no grego que sei, que as epístolas paulinas foram escritas em “hebraico”, por alguns motivos que desejo apontar. Paulo faz questão de saudar irmãos gentios no final de suas epístolas. Várias delas eram endereçadas a irmãos de fala grega. Existem expressões usadas que só são possíveis em língua helênica, por exemplo, a articulação de termos como “ágape” [αγαπη] e “fileo” [φιληος], o hebraico só usa uma palavra para amor “ahav” [אהב] e sabemos que estes termos são articulados em alguns textos do N.T. explorando o vocabulário desta língua em específico.

E a Peshita? Tem algum valor crítico?

Sim, a Peshita tem algum valor crítico, mas não primazia, ainda que incomode - obviamente gostaríamos que todos os livros do N.T. fossem escritos em hebraico - porém é fato que os manuscritos mais antigos que temos para compor o N.T. ainda são manuscritos e papiros em grego.



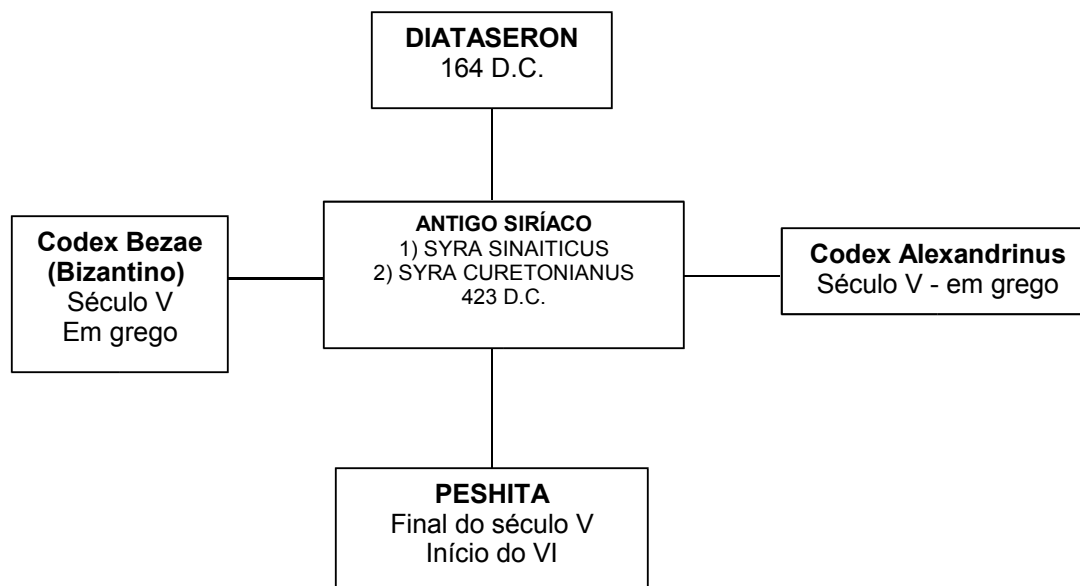
Inscrição em ossuário do I século com o nome de Yeshua em Hebraico quadrático. “YESHUA”

A Peshita foi escrito em caracteres “siríacos”, algo que nunca foi usado por judeus do I século, isto é indiscutível, basta consultar os milhares de achados arqueológicos com inscrições em hebraico quadrático.

Conforme o gráfico abaixo, o Peshita é um texto recente, uma simples tradução para o aramaico-siríaco dos textos gregos. Qualquer afirmação de que o Peshita remonta o I século, é pura pretensão. E neste ponto temos que ser mais científicos e

menos especulativos.

Gráfico que demonstra a formação histórica do Peshita:



Como podemos restaurar as raízes judaicas do N.T. se temos escritos em grego?

Os autores dos textos do N.T. em grego, escreviam com mentalidade judaica, devemos reconstruir o “hebraísmo” dos evangelhos a partir da comparação destas fontes com a Septuaginta (LXX), buscando nas versões massoréticas o diálogo entre as duas línguas. Recorrer à tradição judaica também seria importante para esta construção. O Peshita também tem seu valor como versão alternativa, porém neste caso ir às fontes primárias seria muito mais confiável. Sugiro também para consulta, uma versão moderna (séc. XIX) do Novo Testamento em hebraico de autoria do Hebreu Cristão “Delitzche” distribuída pela Sociedade Trinitariana. Esta é uma boa versão traduzida de fontes gregas para o hebraico, ela foi largamente usada pela primeira comunidade judaico-messiânica da modernidade⁵.

Quero deixar claro que não se deve ignorar o valor histórico e crítico do Peshita, mas o que não se pode aceitar é a teoria de “primazia aramaica”, pois como tentei demonstrar é um argumento falho historicamente e sem apoio acadêmico. São pouquíssimos os estudiosos no mundo que acreditam em tal teoria.

⁵ Refiro-me a comunidade de Joseph Rabinovitz em Kishnev na Rússia. Inclusive Rabinovitz era amigo pessoal de Delitzche.

Conclusão:

Preocupa-me ver certos grupos no Brasil, fundamentando doutrinas em cima do Peshita, estes poderiam se dedicar à construção judaica a partir da proposta que fiz no tópico anterior, eliminando a “primazia”, pois o Peshita não tem palavra final em hermenêutica e crítica textual. Pois, sendo ela uma reprodução feita a partir de fontes gregas, o intérprete deve ter autonomia nesta construção, recorrendo a estas fontes.

Minha crítica vai também para o que chamo de “helenofobia”, aversão à língua grega. O grego não pode ser satanizado, não podemos nos esquecer que muitos escritos judaicos foram feitos em língua grega, temos a LXX (Septuaginta) como um exemplo clássico, fora que muitos manuscritos encontrados em Qunram também estavam nesta língua. Devemos ser equilibrados, é óbvio que quanto mais pudermos reconstituir o cenário hebraico do I século melhor, mas não devemos ignorar o fato de que se Paulo escreveu em grego – por exemplo – isto não gentiliza suas palavras, pois os fundamentos e grande parte das citações do apóstolo, tem origem em antigas fontes judaicas como modernos estudiosos vem demonstrando, basta consultar os comentários de Joseph Shulam, Flusser e W.D. Davies.

Bibliografia Consultada:

BEREZIN, R. Dicionário Hebraico-Português. Edusp, São Paulo: 2003.
CHAMPLIN, R.N. e BENTES, J.M. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. Candeia, São Paulo: 1995.
Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português. Sinodal/Vozes, Santa Maria: 1999.
FLUSSER, D. Jesus. Perspectiva, São Paulo: 2002.
FLUSSER, D. Judaísmo e as Origens do Cristianismo, Vol. I, II e III. Imago, Rio de Janeiro: 2002.
HARRIS, R.L., ARCHER, JR, G.L, WALTKE, B.K. Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. Vida Nova, São Paulo: 2001.
LANCASTER, C. Was the New Testament Really Written in Greek?. <http://www.aramaicpeshitta.com>, 2004.
SCHÖKEL, L.A. Dicionário Bíblico Hebraico-Português. Paulus, São Paulo: 1997.
TAYLOR, W.C. Dicionário do Novo Testamento Grego. Juerp, Rio de Janeiro: 1991.

Versões Bíblicas Consultadas

Almeida Edição Contemporânea
Almeida Fiel ao Texto Original
Almeida Revista e Atualizada
Almeida Revista e Corrigida
Bíblia de Jerusalém
King James Version
New King James Version
Nova Versão Internacional
Young Literal Translation

Versões em Língua Original Consultadas

Bíblia em Árabe
Brit Chadashá (Novo Testamento em Hebraico) de Delitzche do Grego para o Hebraico
Nestlé Aland Versão 27
תנ"ך Tanach (Texto Massorético)
H KAINH ΔΙΑΘΗΚΗ - Textus Receptus

Sites Consultados:

<http://en.wikipedia.org>
<http://www.ntcanon.org/Peshitta.shtml>
<http://www.skypoint.com/~waltzmn/Syriac>
<http://www.bible.org>
<http://www.biblecentre.net>
<http://www.learnassyrian.com>
<http://www.earlychristianwritings.com>
<http://www.aramaicpeshitta.com>
<http://www.peshitta.org>
<http://www.ntcanon.org>

Softwares Usados:

Enciclopaedia Judaica
Bible Works